

## CONFIGURAÇÕES LITERÁRIAS SOBRE UMA PERSONAGEM

### (O BRASILEIRO)

Os mais ilustres romancistas do século XIX e primeiras décadas do XX, nomeadamente, António Nobre, Camilo Castelo-Branco, Júlio Dinis, Eça de Queirós, Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro, Miguel Torga, tiveram no emigrante português o seu personagem central, num tempo de mudanças de regime e de cultura.

#### O vocábulo – “*Brasileiro*”

- designa o natural do Brasil, em Portugal passou-se a empregá-lo, em meados do século XIX, para nomear também o emigrante português enriquecido na sua colónia americana, de retorno à pátria;

- é «alcunha dada pelos portugueses aos seus compatriotas que voltavam ricos do Brasil»;

- «*brasileiro de mão furada*», designa o emigrante que regressa a Portugal sem fortuna;

- "brasileiro" de "***torna-viagem***" e "***vai e torna***" por ser um emigrante em permanente ida e vinda do Brasil,

«O vulgarizado e cruel binómio galego-comendador, soma final e máxima dos mil depoimentos, encerra uma tal dose de pitoresco, de ridículo e de malevolência, que desfigura a verdade.

Ou esfuma, ou esquematiza.

Concentrar nesses dois pólos, como fez o século XIX, toda a carga positiva e negativa do problema, é deturpá-lo e amesquinhá-lo.

Nenhum dos símbolos, na miséria ou na abundância, na simplez ou nos berloques, exprime qualquer coisa que importe ao âmago da questão. São apenas aspectos panorâmicos duma tragédia toda em profundidade obscura.

E foi realmente crueldade e leviandade de Camilo popularizar uma caricatura que é uma ofensa a essa essência subterrânea.»

Miguel Torga, Traço de União

Eça de Queirós clarifica que o sentido da abordagem ao “brasileiro” é feito «**ao nível da linguagem**» e que a questão se coloca, nessa dimensão, em primeiro lugar, e que a personagem, para além de ser uma criação exclusiva da língua portuguesa, tem, para nós, um significado próprio, tal como outros povos construíram personagens tipo.»

O brasileiro, Uma Campanha Alegre (de «As farpas»)

## Personagem literária

«Saíra criança da aldeia e fora tentar fortuna no Brasil. Por lá esteve quarenta anos, e voltou o homem grave que vemos e rico. O como enriqueceu não sei, e ninguém na terra o sabia»

(Júlio Diniz, A Morgadinha dos Canaviais)

«Seabra era tão asseado como o Sr. Joãozinho das Perdizes descurado no seu vestir. Usava Sempre de Suíça irrepreensivelmente talhada em volta do queixo; camisa muito lavada, peitos abertos e três grandes botões de brilhantes; no traje combinavam-se as variegadas cores de uma ave da América; e o ouro, distribuído com profusão por todos os acessórios da sua pessoa, atestava os bons resultados dos seus quarenta anos de Brasil. Passeava pela aldeia de chinelos de marroquim verde ou sapato de tapete, e era tal nele a delicadeza do andar, que voltava a casa sem que uma mancha enodoasse a alvura das suas meias de algodão fino. Aos domingos e dias de festa indignava a relva dos caminhos, calcando-o com bota de polimento».

(Júlio Diniz, A Morgadinha dos Canaviais)

«As ambições de Eusébio Seabra limitavam-se a vir a ser a primeira personagem de influência da aldeia. Para isso principiou por fazer alguns reparos na igreja paroquial, presenteou com vestidos novos todos os santos dos altares e mandou renovar um sino, que havia doze anos tocava a rachado. Fez à sua custa a festa do orago, chegando a mandar vir fogo preso da cidade e um aeróstato que ardeu pouca altura do chão. Apesar porém de todos estes benefícios à localidade, o

conselheiro Manuel Berardo (...) continuava a fazer-lhe sombra e a contrastar-lhe as ambiciosas vistas».

(Júlio Dinis, A Morgadinha dos Canaviais)

«Acudiu logo à chamada o senhor brasileiro, em traje de interior, guarda-pó de alpaca, babuchas nos pés. Cintilavam-lhe nos repolhos, e o bigode retorcido falava de sua importância e amor-próprio»

(Aquilino Ribeiro, A Eleição de sua Senhoria)

«Saíra o morro para plantar dois bachelos. Sacha três vezes o centeio. Rega quatro vezes o milho. Debulha vagem a vagem, a sua colheita de feijoad ... Percorre três, quatro aldeias, com um pedaço de pão no estômago, a bufarinhar a canastra de sardinha. Como Jacob aguenta no Brasil todos os pontapés do patrão até lhe casar com a filha e ser sócio da loja»

(Aquilino Ribeiro, Mina de Diamantes)

«Chegava a caleche desgovernada dum brasileiro purpurino, coruscante de cores arreliosas, oftálmicas, delirantes, duma garridice espaventosa. Era o Arara, um triunfador daqueles tempos em que a casaca azul e o colete amarelo não dispensavam uma gravata vermelha, luvas verdes e calças cor de alecrim com polainas cinzentas».

(Camilo Castelo Branco, A Corja)

Ambrósio é irmão de um padre e com filhas para casar e um dos pretendentes a genro confessa - «Caso. A história da felicidade é uma palavra só. Não caso com prima nenhuma. É a filha de um homem que enriqueceu a trabalhar. Saiu de Mirandela com um chapéu braguês e uma véstia de cotim. Entrou em Mirandela com quatrocentos contos, e três filhas, e a jaqueta e o chapéu que ainda mostra aos duvidosos da sua origem»

(Camilo Castelo Branco, o Esqueleto)

«A mulher de Hermenegildo Fialho, se não era formoso para causar assombro, tinha direito a ser considerada uma das mais galantes esposas de brasileiros, os quais, naquele tempo, (1847) eram os usufrutuários mais ou menos exclusivos das peregrinas burguesa do Porto» (1869)

(Camilo Castelo Branco, Os Brilhantes do Brasileiro)

«Estabeleceu-se no Porto em 1853, e começou a edificar uma corrente de elegantes casas na rua Bela da Princesa. João Evangelista Corte Real montava sempre um cavalo preto de boa estampa, seguiu-o um preto a pé, e precedia-o um cão da Terra Nova. Nos dias santificados, passeava sua esposa, uma senhora dotada de gorduras carminadas, e arquejando debaixo do peso dos grilhões de ouro que lhe bamboavam sobre o promontório dos seios. Adivinhava-se ali um passado de fressuras e mãozinhas de carneiro ricas de açafão»

(Camilo Castelo Branco, Os Brilhantes do Brasileiro)

«Havia Grande provisão de potes de unguento da Madre Tecla, recita que lhe ensinara o Brasileiro o brasileiro da Casa Grande, muito atreito a furúnculos nas costas e na região sob e sobre (...）」

(Camilo Castelo Branco, Os Brilhantes do Brasileiro)

A irmã do Brasileiro era Rita de Barrosas, criada da abadessa. Grande alvoroço e alegrias, e invejas no mosteiro! «(...) *Dias depois, chegou a Viana Hermenegildo Fialho; e, dado aviso ao convento, foi procurar a irmã. Saíram a cumprimentá-lo as religiosas mais autorizadas, e folgaram de o ver comer pastéis ensopados em vinho do Porto com familiar lhaneza e proporções homéricas de estômago*».

(Camilo Castelo Branco, Os Brilhantes do Brasileiro)

«Este homem tinha bastante espírito; fora sócio fundador duma gabinete literário de caixeiros em Pernambuco, não desconhecia inteiramente o

*Telémaco, os Suspiros Poéticos do Magalhães, admirava e sabia de cor a Martinheida e o Saque do doutor Ferro»*

(Camilo Castelo Branco, Eusébio Macário)

« - Pois olhe, Custódinha - fazia a outra - a menina é bonitinha; e, se tiver juizinho mais do que eu, maridos não lhe há-de faltar. Anda por aí tanto brasileiro ... Este ano, em Vizela, eram como a praga, a botarem os pés p'ra fora, de calças brancas, com cadeias de ouro cheias de cousas, muito gordos, uns figurões.»

(Camilo Castelo Branco, Eusébio Macário)

«Diziam frases cortadas de beijos, dum madrigalesco de bordel, em que a Pascoela se avantajava na graça muito gaiata de carioca, uma brasileirices inflamatórias que pareciam feitas de aromas de banana, trilos de sabiá e essência de moscas-verdes»

(Camilo Castelo Branco, a Corja)

«Nas faldas de uma testa estreita, chata, e rugosa, como um élitro da concha de um cágado, luziam os olhos pequenos e esverdinhados de João José. As pálpebras túmidas e pilosas como a casca da fava, enviesavam-se para dentro, formando à raiz das pestanas um rebordo purpurino. O nariz, sem base nem ossos, nem cartilagens, devia ser a desesperação de Fallopio e de Bichat: Rompiam-lhe de entre os olhos as ventas já formadas, com a ponta arregaçada e as assas convexas, dilatando-se até às alturas dos ossos malares, entupidos nas bolachas gordurentas. Os beiços eram bicolores: nacarinos no centro, e roxos para as extremidades quase invisíveis sob os refegos relaxados dos músculos limítrofes.

João José tinha quatro dentes incisivos de brilhante esmalte, entalados nos outros quatro, formando de comum acordo as saliências irregulares de um pedaço de cristal bruto. Os dentes laniares ou caninos tinham uma crusta de cárie, e algumas luras chumbadas. Os vinte malares estavam no gozo das suas funções triturantes, conquanto amarelados de sais térreos, e regurgitamento de bolo indigesto»

(Camilo Castelo Branco, o que fazem as mulheres)

«Tentamos um debucho de José Francisco. Deve estar entre cinquenta e cinquenta e cinco anos, estatura menos de meia, com três barrigas, das quais, a primeira, começando pela parte mais nobre do sujeito, principia onde o vulgar da gente tem os joelhos, e, depois duma arremetida adiposa, retrai-se na linha imaginária da cintura e estreita-se em forma de cabeça. A segunda barriga pega da primeira, ondeia em três ordens de refegos por as falsas costelas, ladeia túmida e retesada como os flancos dum odre posto de través, e vai perder-se nos sovacos, mandando para as costas uma corcunda da sua mesma natureza.

A terceira barriga pendura-se da face interna do queixo inferior, amplia-se flácida e lustrosa como um bucho mal cheio de vitela do esterno. A parte anatómica deste bosquejo toda ela se libra em conjecturas. O autor não assevera senão a existência das barrigas»

(Camilo Castelo Branco, Anos de Prosa)

«Feliciano tinha quarenta e sete anos. Não se parecia com a maioria dos nossos patrícios que regressam do Brasil com uma opulência de formas almofadadas de carnes sucadas»

(Camilo Castelo Branco, A Brasileira de Prazins)

«Um velho escanifrado, muito escanhoado, direito, com o monóculo fixo, vestido de cotim, com um guarda-pó sujo, enfarpelado na abotoadura, e uma chibata de marmeleiro com que sacudia a poeira das calças arregaçadas».

(Camilo Castelo Branco, A Brasileira de Prazins)

« (...) João de Barros compreendeu a importância de mostrar em Portugal o que era o Brasil real de (diferente de Brasil caricaturado no «brasileiro», no minhoto enriquecido que volta à terra de chapéu panamá, calças brancas e corrente de relógio atravessado no ventre»

Ribeiro Couto, Sentimento Lusitano

«Tremia só com a ideia de ver-se novamente pobre, sem recurvos e sem coragem para recomeçar a vida, depois de se haver habituado a uma tantas regalias e afeito à hombridade de português rico que já não tem pátria na Europa?»

(Aluísio Azevedo, O Cortiço)

«-Tolices, exclamou o cónego. Pois então ele não pode vir aqui em amizade, passear as noites para o cavaco, tomar o seu café? ... O homem não vai para o Brasil, senhora! [...] - Oh, senhora! disse o cónego rindo-se, já há bocado lhe disse, o homem não vai para as Índias!»

(Eça de Queirós, O Crime do Padre Amaro)

«Grosso, trigueiro com tons de chocolate, pança ricaça, joanetes nos pés, colecte e grilhão de oiro, chapéu sobre a nuca, guarda-sol verde, a vozinha adocicada, olho desconfiado, e um vício secreto.

É o brasileiro: ele é o pai achinelado e ciumento dos romances românticos: o figurão barrigudo e bestial dos desenhos facetados: o maridão de tamancos, sempre traído, de toda a boa anedota.

Nenhuma qualidade forte ou fina se supõe no brasileiro: não se lhe imagina inteligência, como não se lhe concede coragem, e ele é, na tradição popular, como aquelas abóboras de Agosto que sofrem todas as soalheiras da eira: não se lhe admite distinção, e ele permanece, na persuasão pública, o eterno tosco da Rua do Ouvidor.

O povo supõe-no o autor de todos os ditos celebrenmente sandeus, o herói de todas as histórias universalmente risíveis, o senhor de todos os prédios grotescamente sarapintados, o frequentador de todos os hotéis sujamente lúgubres, o namorado de todas as mulheres gordalhufamente ridículas.

Tudo o que se respeita no homem é escarnecido aqui no brasileiro. O trabalho, tão santamente justo, lembra nele, com riso, a venda da mandioca numa baiuca de Pernambuco; o dinheiro, tão humildemente servido, recorda nele, com gargalhadas, os botões de brilhantes nos colectes de pano amarelo; a pobreza, tão justamente respeitada, nele é quase cómica e faz lembrar os tamancos com que embarcou a bordo do patacho Constância, e os fardos de café que carregou para as bandas de Tijuca; o amor, tão teimosamente idealizado, nele faz rir, e recorda a sua espessa pessoa, de joelhos, dizendo com uma ternura babosa - oh minina ! (...)

Não é belo como Apolo, nem como o mais recente Dom João (...), não é espirituoso como Mery ou Rochefort (...), não é extraordinário como Peabody que deu de esmolas cem milhões, nem como Delescluze que queimou Paris (...), não é formoso, nem espirituoso, nem elegante, nem extraordinário. »

Queirós, Eça de, *O brasileiro*, Uma Campanha Alegre (de «As farpas»)

«Águeda mal o viu, tão fidalgo nos seus anéis de brilhantes, no relógio de bracelete de ouro, nos sapatos de calf, no fato de lã fina como as teias de aranha, passou à adoração plena (...)"

(Aquilino Ribeiro, *Mina de Diamantes*)

«As grandes qualidades que trazia o imigrante português, são as que ele herdou das raças cujo sangue tem nas veias e cujo influxo moral tem no carácter...

Grave, simples, ingénuo; encarando a vida como uma grande tarefa; quase maquinal no seu dever; laborioso; granjeador como um troglodita; humilde, obediente, fiel com o superior; obcecado nos velhos hábitos e usanças, supersticioso (tendo acima de tudo a superstição da autoridade); pouco caso fazendo da vida civil, mas afeiçoando-se à tradição do seu povo e principalmente à terra; amoroso, dócil, pacífica; resignado, tranquilo e igual; sem tristezas e acabrunhamentos, aceitando a existência; as vicissitudes, a condição social, a própria desgraça como fatalidades inevitáveis do destino, mas nunca até o ponto de renunciar no fundo do coração à esperança de vencê-la um dia. (...)

Conservador em extremo, quasi mesmo até à desdita e às vezes até uma certa antipatia e aversão ao que é novo; ponderado e seguro, meticulosamente probo e pontual, e exigindo de todos, como as primeiras virtudes da vida, uma probidade e uma honradez indefectíveis:

- não há duvida que este specimen de gente foi uma base sólida de futura integração de raça histórica... trazia o português, em germen, outras muitas que se converteram aqui, a maior parte em grandes virtudes, sem as quais teria sido impossível a obra gigantesca que realizou....

Aquele nobre heroísmo que excedeu a tudo quanto até ali se tinha visto na história é uma resultante dos grandes vícios que habilitaram a raça a assumir, com uma perfeita consciência do seu valor, a mais alta função que coube a povo nos tempos modernos. A coragem levada até à temeridade; o valor estóico até o sacrifício; a insuficiência de cultura dando uma grande força aos impulsos do instinto; uma rudeza moral que se não deixa tolher de escrupuloso melindres; o fanatismo as



almas soberanas na sua missão; a violência que faz a carácter impetuoso e tremendo para cometimentos extraordinários; a desapiedade que o torna forte na luta; a inclemência com o vencido e com o fraco:

- em suma - alma emancipada de todos os motivos morais, de todos os sentimentos humanos, para - dir-se-ia - só agir como um cego instrumento do destino: tudo isto estava, e nem podia deixar de viver intensamente naquele heroísmo que devassou os mares e que fez em seguida a conquista da terra, que defendeu as fronteiras, que fundou a supremacia da raça, e que afinal deixou ainda no fundo da alma vitoriosa uma reserva de atributos morais para a obra de nacionalidade sobre a base de uma leal conciliação, de um perfeito conagraamento com os próprios subjugados...

Sem todas essas taras que lhe provinham das longas vicissitudes e que se acumulavam no génio do povo português, já não se explicariam - o marítimo com o seu desprendimento sobre-humano, o conquistador na sua alucinação, o soldado na sua fidelidade absurda, o fanatismo em seu delírio monstruoso.»

POMBO, Rocha, História do Brasil, Vol. II, pp. 578-580, citado por CLARO, António, O Brasil Político - História Contada no Senado, no Pão de Assucar e no Corcovado, Rio de Janeiro, Tip. do Jornal do Comércio, de Rodrigues &C., 1921, P.101e 102